

A NARRATIVA MITOLÓGICA E O SERIADO DE TV*

Mythological Narrative and TV Series

Glauco Fernando Cavalheiro**

Resumo

Este artigo aborda a apropriação do sentido mitológico, presente no seriado de televisão, pelo telespectador. Por meio de uma exploração bibliográfica, o texto busca entender de que forma o elemento mitológico age no telespectador no sentido de proporcionar a reflexão sobre os problemas do cotidiano. A partir dessa abordagem, elabora algumas considerações sobre como a estrutura narrativa mitológica age no desenvolvimento humano desde os primórdios e como agora a série televisiva assume este papel social. O artigo sugere que a televisão, por meio do seriado televisivo, atua socialmente como um fomentador de reflexão, de mudança de pontos de vista e de crescimento pessoal.

Palavras-chave: Seriado Televisivo. Narrativa Mitológica. Desenvolvimento Humano.

Abstract

This article talks about the internalization of the mythological content, that can be found in the television series. Through a bibliographical research, this text tries to understand how the mythological elements touches the spectator in order to make she/him reflect on hers/his daily problems. From this approach, it produces some considerations about how the mythological narrative structure acts on human development since the ancient times and how television takes on this social role now. The article suggests that television, through the television series, socially acts as a reflection promoter, a point of view changer and a personal growth helper.

Keywords: Television Series. Mythological Narrative. Human development.

Considerações Iniciais

A vida é mais saborosa com o tempero das histórias. Não é à toa que elas são elemento indissociável da comunicação, dos folclores e das relações humanas. Elas vêm em

* Parte do trabalho de conclusão de curso chamado "As apropriações dos telespectadores sobre o seriado de televisão 'How I Met Your Mother'". Orientadora: Prof^a Dr^a Ione Bentz.

** Graduando em Publicidade e Propaganda – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

incontáveis formatos: contos, crônicas, músicas, propagandas, livros, e, desde o começo do século XX, o vídeo chegou para ser mais um meio de propagação narrativa. Neste século, ele mistura-se às novas tecnologias e dinâmicas sociais, tornando o material audiovisual cada vez mais rico, fácil de acessar, sendo ainda mais presente na nossa vida.

Partindo dessa ideia, inicia-se aqui uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso que busca entender a relação das histórias na nossa vida, sendo este texto, a parte inicial desse projeto.

O mito no seriado

Através de modelos mitológicos já analisados no passado por grandes autores como Jung e Campbell, buscaremos entender que tipos de efeito o ato de ver histórias no formato audiovisual tem na vida do ser humano, no que diz respeito a sua percepção e seus pontos de vista em relação a situações do cotidiano que podem trazer algum tipo de desconforto emocional. Analisaremos assim, a categoria de seriado televisivo sitcom, sendo esse estilo muito representativo no que diz respeito a problemas do cotidiano. Dentro dos inúmeros seriados de televisão apresentados pela mídia, escolhemos como objeto o seriado americano *How I Met Your Mother*. Ao longo de sua trajetória de 6 anos, o seriado conta a história de cinco amigos os dramas de passagem da vida jovem para a vida adulta. Escrito in medias res, o personagem principal conta, a seus filhos, no futuro, a história de como eu conheceu a mãe deles, em nossos tempos. O contar dessa história se desenrola por seis anos, onde vemos uma trama que envolve muito mais que o motivo central da personagem mãe, mas destrincha inúmeras situações chave que são transformações que todos os seres humanos passam em algum momento da vida, tais quais: o início de um relacionamento, o drama de apaixonar-se por alguém e não ser correspondido, ver os amigos evoluindo na vida afetiva e lidar com a insegurança de não estar no mesmo patamar ou, ainda, como transformar uma frustração em uma força, com uma nova postura e personalidade.

Assim entendemos que as funções ancestrais do mito possam estar presentes, entre muitos lugares, no seriado de televisão. Nesse artigo, buscaremos explicar as bases para esse raciocínio, tentando esclarecer alguns conceitos a fim de entender como funciona esse processo de apropriação das “lições” apresentadas no seriado.

A narrativa é o caminho por onde o mito passa para encontrar o homem. Ou seria ela o caminho que o homem abriu para buscar o mito, do qual tinha necessidade de aproximar-se? Segundo Malinowski, o mito é “ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente”¹. Esta realidade viva está ligada ao conceito de que, muito mais do que uma “ficção”, nas sociedades primitivas, o mito é vivo e verdadeiro. Segundo Eliade, o mito é vivo “no sentido que oferece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”². Pode até parecer que durante nossa evolução como sociedade, o mito foi se enfraquecendo e nossas relações com sua função de suporte emocional e equilíbrio psíquico se perderam nessa trajetória. Não é à toa: nossa contemporaneidade é marcada por um forte corte de vínculos com o que era sagrado. Rituais não são mais partes do cotidiano como era antes. Casar, hoje, significa juntar os pertences e viver sob o mesmo teto.

Seria amarga presunção, de nossa parte, julgar se essa nova postura é benéfica ou maléfica para a sociedade sem a devida (e, sem dúvida, meticulosa) apuração. No entanto, podemos dar ouvidos a alguém que, com esmero, estudou esse tema em seu tempo. Para Campbell, “ele (o mito) sintoniza a pessoa com o ciclo de sua própria existência, como o ambiente em que ela vive e com a sociedade que já está integrada no ambiente.”³ Nesse sentido, o mito funciona como um guia, um fluxo orientador que a põe na mesma “batida” que o seu derredor. Neste nosso tempo, não raro ouvimos pessoas reclamarem de falta de norte e sensação de vazio.

Não é difícil estabelecer um paralelo desse sentimento com a teoria de Carl Jung. Para o psicólogo austríaco que concebeu o conceito de inconsciente coletivo, todas as percepções que juntamos com nossos sentidos, passam, sem que percebamos, pelo filtro do inconsciente:

Nossas impressões conscientes, de fato, assumem rapidamente um elemento de sentido inconsciente que tem para nós uma significação psíquica, apesar de não

¹ MALINOWSKI, Bronislaw. *Myth in Primitive Psychology* (1926); reproduzido no volume *Magic, Science and Religion*, Nova Iorque, 1955, p. 101-108

² ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo, SP: Perspectiva. 6a ed. 2013

³ CAMPBELL, Joseph John. *As transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1997

estarmos conscientes da existência desse fator subliminar ou da maneira pela qual ambos ampliam e perturbam sentido convencional.⁴

Considerando esses conceitos, entende-se que a influência das estruturas mitológicas está enraizada no nosso ser, e que a ausência delas pode nos deixar, em alguns casos, desorientados, ou, até mesmo, desequilibrados. Porém, se a presença do mito é tão forte no ser humano, é possível que ela simplesmente desapareça do seu cotidiano? Numa sociedade desprovida de lendas, deuses, fábulas e seres míticos, pra onde se direcionaria o impulso humano de viver a mitologia?

No início do século XX, um novo meio de contar histórias foi apresentado à humanidade. Tendo uma rápida ascensão como meio de comunicação, a televisão rapidamente tomou conta da casa das pessoas, em menos de cinquenta anos de existência, já era um elemento indissociável do cotidiano das famílias. Ela apresentou à sociedade um jeito completamente novo de fazer comunicação, trazendo entretenimento e informação de uma maneira nunca antes vista. Seu fenômeno cultural despertou rapidamente o interesse dos estudiosos e sem demora, muitos estudos sobre o papel da televisão na vida do ser humano e no seu desenvolvimento foram surgindo. Entre denúncias sobre a televisão ser uma ferramenta de alienação, como as feitas por Kellner (1992) e as profecias sobre a aldeia global de McLuhan, a televisão se tornou um importantíssimo propagador de cultura. Porém, talvez mais importante que isso, ela se tornou a companhia do dia a dia para várias pessoas. Quase um símbolo da hora de lazer, de descansar, de esquecer os problemas do dia e divertir-se com a programação disponível. Essa disposição das pessoas a aceitar o que estava sendo dito é a porta de entrada para a narrativa fazer seu trabalho. Pouco a pouco, as técnicas de produção cinematográfica foram sendo traduzidas para a linguagem televisiva e esta se tornou um novo meio para a reprodução de filmes e sua versão mais genuína na TV – os seriados.

As variações entre as diferentes produções audiovisuais são incontáveis. Dentro dos inúmeros estilos de seriados televisivos criados pelo mundo – cada um com suas peculiaridades e linguagens próprias – sublinharemos nesta pesquisa o estilo das sitcoms. As situational comedies (comédias situacionais, em tradução livre) são seriados que, como o próprio nome diz, fazem graça com os problemas do cotidiano. Esse formato tem muita facilidade de prender o telespectador por conta da característica projetiva humana. O que

⁴ JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

são as histórias, senão uma representação de como é a vida em seus pontos mais comuns? Eliade nos conta que as histórias mitológicas não variam o tema, este se repete. Mas o que envelopa essas histórias é o que ele chamou de “criatividade poética” daqueles que contam essas histórias. Ou seja, o modelo narrativo envelopa a história mítica e desenha a forma como esse material vai chegar ao conhecimento do ouvinte. Para Barthes⁵, o que define o mito não é o objeto de sua mensagem, mas sim a maneira como ela é proferida.

A partir do modelo semiológico onde um objeto (significante) possui um significado e, juntos, eles produzem um signo, que é o total destes dois termos, Barthes afirma que, se tratando de uma narrativa mítica, o processo de significação não para aí. No mito, o autor considera que esse processo acontece uma segunda vez. O signo, produto de um processo de significação, passa a ser o significante que dá origem novamente ao processo. Isso acontece porque o “mito se constrói através de uma cadeia semiológica que vêm antes dele.” Assim, para o mito falar com o homem, é necessário que o discurso remonte um sentido já conhecido por ele. Dessa forma, a característica fundamental do mito é ser apropriado. Na matriz narrativa desenvolvida pelo seriado de TV, o telespectador deve encontrar elementos que para ele são conhecidos, para que aquele discurso aparentemente banal, criado para entretê-lo e diverti-lo, torne-se no total de sua compreensão, um acontecimento maior do que olhar televisão. É neste momento que, ao somar a sua identificação com os elementos da história aí contada e elementos fundamentais na constituição de personagens que acabam por projetar personas presentes na identidade do telespectador, acreditamos acontecer uma identificação com a totalidade da narrativa.

Considerações Finais

Dessa forma, a televisão torna-se um novo contador de histórias. Seria demasiado pretensioso compará-la com os xamãs das sociedades primitivas, porém, como tal, ela também é um meio de transmitir a narrativa mitológica através do seriado de TV. Campbell diz que não precisamos inventar novos rituais. Todos já estão aí. O que perdemos como seres humanos foi a capacidade de refletir sobre eles. De entender os seus significados. Para ele, o mito tem uma função muito simples em nossa vida: conectar-nos com nosso ambiente. Estar ciente desta conexão nos faz bem. Lembrando Jung:

⁵ BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 11ª ed. 2001

De um modo que foge completamente à nossa compreensão, o inconsciente também está sintonizado com o nosso ambiente(...).⁶

É fato conhecido que antigas estruturas narrativas e seus efeitos são conhecidos pelos roteiristas de seriados. Estes conhecimentos são amplamente estudados e ensinados através de aulas de técnicas de storrtelling. Mas como essas estruturas afetam o ser humano? Quais os fatores necessários (levando em conta ambiente externo, constituição psicológica) para que a matriz narrativa e as ações arquetípicas na produção audiovisual, apresentada pela televisão, causem um efeito reflexivo no telespectador? Entender melhor essas dinâmicas nos ajudará a fomentar, cada vez mais, a qualidade das produções audiovisuais em função de seu poderoso papel social.

Referências

Livros:

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CAMPBELL, Joseph John. *As transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo, SP: Perspectiva. 6ª ed. 2013.

BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 11ª ed. 2001.

⁶ JUNG, 2008, p. 276.